



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



X Simpósio
de Design
Sustentável
Mundos por vir_



Narrativas Femininas no Bumba-meu-boi: Design como prática de autonomia

Female narratives in Bumba-meu-boi: Design as a practice of autonomy

Marcella Abreu dos Santos¹, Raquel Gomes Noronha², Luiz Lagares Izidio³,

¹Universidade Federal do Maranhão, Mestranda, marcella.abreu@discente.ufma.br

²Universidade Federal do Maranhão, Doutora, raquel.noronha@ufma.br

³Universidade Federal do Maranhão, Doutor, lagaresiz@gmail.com

Resumo. O artigo investiga a relação entre design, narrativas e autonomia a partir das experiências de mulheres líderes de Bumba-meu-boi localizados no Quilombo Urbano da Liberdade, em São Luís (MA). Discute-se o design como prática ontológica capaz de significar o mundo e fortalecer identidades culturais por meio de narrativas situadas da vida dessas mulheres. A pesquisa, de caráter qualitativo e exploratório, combina estudo bibliográfico e relatos das líderes do Boi da Floresta, Nadir Cruz, e do Boi de Leonardo, Regina Santos, revelando as tensões de gênero, os desafios de visibilidade e a centralidade do trabalho de cuidado exercido por mulheres. Argumenta-se que as narrativas dessas lideranças, historicamente invisibilizadas, ampliam a resistência da comunidade e promovem autonomia, entendida como processo contínuo de codesign. O estudo evidencia o potencial do designantropologia para produzir correspondências intersubjetivas, desestabilizar narrativas hegemônicas e valorizar práticas culturais decoloniais.

Palavras-chave. Designantropologia; Narrativas; Bumba-meu-boi; Gênero; Autonomia.

Abstract. The article investigates the relationship between design, narratives, and autonomy based on the experiences of women leaders of Bumba-meu-boi located in Quilombo Urbano da Liberdade, in São Luís (MA). Design is discussed as an ontological practice capable of signifying the world and strengthening cultural identities through situated narratives of these women's lives. The qualitative and exploratory research combines bibliographic study and reports from the leaders of Boi da Floresta, Nadir Cruz, and Boi de Leonardo, Regina Santos, revealing gender tensions, visibility challenges, and the centrality of care work performed by women. It is argued that the narratives of these leaders,



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



X Simpósio
de Design
Sustentável
Mundos por vir_



PPGDg UFMA
Programa de
Pós-Graduação
em Design

historically invisible, amplify the community's resistance and promote autonomy, understood as a continuous process of co-design. The study highlights the potential of design anthropology to produce intersubjective correspondences, destabilize hegemonic narratives, and value decolonial cultural practices.

Keywords: Design anthropology; Narratives; Bumba-meu-boi; Gender; Autonomy.

1 Introdução

Arturo Escobar (2016) ao falar sobre o potencial ontológico do design cria uma relação entre o fazer design e a agência de construção de mundos e, segundo o autor o design é capaz de moldar a forma material do mundo e criar significações em uma dimensão política e social. Sendo assim, para dar significação é preciso que histórias sejam contadas, memórias sejam construídas e um dos caminhos que o design tem para realizar isso é por meio da construção de narrativas e no processo de relacionalidade com o outro. Izidio, Farias e Noronha (2022) dizem que para pensar as narrativas produzidas em encontros de pesquisas no âmbito de Design e Antropologia é necessário perceber a produção da subjetividade como um movimento relacional, numa relação de dentro e fora, que não atuam de forma dicotômica e excludente, mas que se constituem na pulsão da vida e na relacionalidade (op.cit).

Quando nos propomos a pesquisar com comunidades como as que constituem o Quilombo Urbano da Liberdade¹ e mais especificamente o Bumba-meu-boi da Floresta a relacionalidade é construída no dia a dia a partir de práticas de correspondências que acontecem pelas trocas de experiências, pelas conversas informais nos momentos de descontração, pelas oficinas e *workshops* que propomos e até mesmo pelos momentos de escuta ativa das histórias, memórias e narrativas que essas pessoas criam para falar de si e de quem são no mundo. O Boi da Floresta, localizado no Quilombo Urbano da Liberdade — uma das regiões socialmente mais vulneráveis de São Luís —, enfrenta como desafio central a manutenção de sua coesão e continuidade. A preservação cultural do grupo não se restringe às atividades realizadas no barracão ou ao período junino, mas se encontra intrinsecamente relacionada às condições socioeconômicas que marcam o cotidiano da comunidade.

¹ “Os bairros de Camboa, Diamante, Fé em Deus, Liberdade e Sítio do Meio integram o quilombo urbano da Liberdade, o primeiro da categoria a ser certificado pela Fundação Cultural Palmares no Maranhão.” (Carvalho e Figueiredo, 2022, p. 22). Sua ata de autodefinição foi assinada em 2016/2018 durante o Festival de Belezas Negras da Liberdade Quilombola e a partir disso criou-se a Gestão Quilombola, responsável por operacionalizar o processo que levou à certificação do quilombo pela Fundação Cultural Palmares em 13 de novembro de 2019, por meio da portaria nº 192/2019 (Almeida 2020; Fundação Palmares, portaria nº 192 de 13 de novembro de 2019).



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



**X Simpósio
de Design
Sustentável**
Mundos por vir



PPGDg UFMA
Programa de
Pós-Graduação
em Design

Entre as principais estratégias de salvaguarda das manifestações culturais, destaca-se o acesso à memória coletiva e sua partilha entre os membros da comunidade, elementos que desempenham papel fundamental no fortalecimento da identidade cultural. Nesse contexto, a valorização e difusão de narrativas historicamente invisibilizadas, quando articuladas por meio de práticas de design em diálogo com a própria comunidade, podem contribuir significativamente para o fortalecimento da autonomia e para a sustentabilidade cultural do grupo. Assim, as vivências individuais de cada integrante do boi podem originar narrativas singulares, mesmo que tenham compartilhado o mesmo evento ou fenômeno. Amplificar a voz dessas narrativas por meio do design pode ser parte desse processo de significação do mundo e consequentemente autonomia como cita Escobar (2016).

As experiências vivenciadas por nós e pelos integrantes do Bumba-meu-boi da Floresta durante o tempo de compartilhamento de pesquisa trazem à tona a complexidade do conhecimento narrativo (Ingold, 2011), a relação com materiais e ambientes, com os *alter* de suas relações de produção do boi e até o momento da brincadeira ir à rua e, consequentemente, suas visões de mundo. Portanto, estamos falando de um processo de significação por meio do design de si mesmo, das narrativas e das subjetividades envolvidas nesse caminho. Para Ingold (2011) e Martin (2022), esse processo intersubjetivo, ou seja, a construção de uma relação a partir da alteridade subjetiva do outro, é o centro das práticas atencionais que produzem correspondência, permitindo uma permeabilidade capaz de criar a dissolução de narrativas hegemônica.

O design de si, realizado pelas comunidades, a partir de narrativas do Boi da Floresta e outros bumba-bois são histórica e sistematicamente invisibilizado. Atualmente, a participação das mulheres na liderança dos grupos – lugar ocupado antes apenas por homens – acarreta desvalorização e/ou invisibilidade de sua participação e tensionamentos na busca por abrir espaço para pertencer aos grupos. Sendo assim, esse artigo objetiva entender como se dão as dinâmicas de gênero dentro de grupos de bumba-meu-boi e como o design pode promover reflexões sobre autonomia, por meio das narrativas.

Nossas reflexões situadas apontam a necessidade de se trazer as próprias histórias de vida e experiências de todos os envolvidos na construção de narrativas que reforcem a resistência e o seu fazer como algo que tenha um valor cultural, de identidade e pertencimento. Buscamos aqui pensar como as narrativas dessas mulheres podem ser uma ponte para as correspondências e a criação de práticas que consideram as diferentes cosmovisões que se constituem intersubjetivamente e tencionam os sujeitos e as coisas envolvidos em um processo relacional. Para além dos acordos, pensamos a construção do comum (Noronha, 2018) como o espaço da divergência e das impossibilidades, considerando-se as profundas relações de poder que podem emergir desses encontros.

Metodologicamente, a pesquisa possui abordagem qualitativa por meio de uma pesquisa exploratória, um estudo bibliográfico (Marconi; Lakatos, 2016; Gil, 2022) sobre o tema e a apresentação de relatos e falas das presidentes dos bumba-boi da Floresta e bumba-boi de Leonardo. Todas as experiências e vivências demonstradas aqui foram feitas a partir da abordagem do designantropologia como práticas atencionais que trazem o locus



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



**X Simpósio
de Design
Sustentável**
Mundos por vir_



PPGDg UFMA
Programa de
Pós-Graduação
em Design

da resistência para a construção subjetiva do mundo dessas mulheres numa perspectiva situada da pesquisa mas que, ao mesmo tempo, não separa os campos de design e antropologia, mas a partir da profunda intersubjetividade entre eles desenvolve a produção de narrativas não como algo separado da prática, mas a partir do seu devir.

Para tanto, estruturamos o artigo em seis partes além desta introdução. Na segunda parte, falamos da importância do Bumba-meu-boi, no Maranhão. Suas origens, seus aspectos culturais e sociais. Na terceira parte, trazemos a interseccionalidade de gênero e raça para o contexto do bumba-meu-boi na tentativa de entender o contexto atual. Na quarta parte, contextualizamos o território do Quilombo da Liberdade onde estão inseridos o Boi da Floresta e o Boi de Leonardo. Na quinta parte, trazemos as narrativas de vida de Nadir Cruz, responsável pelo Boi da floresta e de Regina Santos, responsável pelo Boi de Leonardo. Na sexta parte, trazemos o diálogo entre design, narrativas e desenvolvimento da autonomia. E, por fim, na sétima parte, elencamos algumas considerações sobre as relações intersubjetivas construídas ao longo do processo e como a narrativa tem potencial para amplificar as vozes e construir autonomia por meio do design.

2 O Bumba-meu-boi

O Bumba-meu-boi do Maranhão, que desde 2019 carrega o título de Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, concedido pela UNESCO, tem uma história que remonta ao período colonial. Sua trajetória é marcada por uma fusão única de elementos africanos, indígenas e europeus, resultando em uma expressão cultural que incorpora dimensões ritualísticas, religiosas e teatrais.

Sobre essa fusão, Ferreira; Guterres e Marinho (2023) acionam um texto de 1972 de Câmara Cascudo, o qual pontua:

O bumba meu boi surgiu no meio da escravidão do nosso país, bailando, saltando, espalhando o povo folião, suscitando grito, correria, emulação. O negro, que desejava reviver as folganças que trouxera da terra distante, para distender os músculos e afogar as mágoas do cativo nos meneios febricitantes de danças lascivas, teve participação decisiva nessa criação genial, nela aparecendo, dançando, cantando, enfim, vivendo. Os indígenas logo simpatizaram com a 'brincadeira', foram conquistados por ela e passaram a representá-la, incorporando-lhe também, suas características. O branco entrou de quebra, como o elemento a ser satirizado e posto em cheque, pela sua situação dominante. (Cascudo, 1972 apud Ferreira; Guterres; Marinho, 2023)

Por sua origem negra, indígena e pobre, e por serem considerados a expressão da barbárie pela elite, pela igreja e pela imprensa, o boi foi submetido a diversas formas de repressão e controle pela polícia ao longo do século XIX (Martins, 2020). Nesse contexto, intelectuais, críticos e folcloristas tiveram um importante papel para que o bumba-meu-boi, ao longo do século XIX e do século XX, com a criação da Comissão Nacional de Folclore (CNFL) e a consolidação e a institucionalização do movimento folclórico, começasse a ser percebido como expressão da cultura popular maranhense (Martins, 2020).



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



**X Simpósio
de Design
Sustentável**
Mundos por vir_



PPGDg UFMA
Programa de
Pós-Graduação
em Design

A partir da década de 1970, a cultura popular ganha um valor positivo a classe média e o boi, segundo Albernaz (2004), passa a receber investimento público e a ser percebido como de todos, e não mais somente de negros e pobres.

Ferreira; Guterres e Marinho (2023) destacam que

[...] o BMB, ao mesmo tempo em que se constitui enquanto folgado ou brincadeira, destaca-se como denúncia da realidade e crítica ao legado colonial que se enraizou em diferentes esferas sociais, no Brasil. A denúncia e crítica da realidade são mostradas por meio das toadas, como são conhecidas as composições tocadas e cantadas para o público, ao longo de suas apresentações. [...] Os temas que permeiam as toadas trazem em seu bojo, a conjuntura política, os dramas que assolam a sociedade, como por exemplo, a corrupção, o uso de drogas e a violência contra a mulher, entre outras temáticas; também homenageiam ou criticam figuras locais ou públicas, pessoas do grupo ou mesmo do cenário nacional [...].

Além disso, Marla Silveira (2014) destaca que o complexo cultural do bumba-meu-boi tem estéticas e estilos diferenciados, os quais são denominados de sotaques. A autora explica que estes são determinados pela região ou cidade de origem como também pelo conjunto de instrumentos utilizados. Ressalta ainda que essa caracterização

[...] é baseada nas especificidades de ritmo, personagens, indumentária, instrumentos, passos e evolução da dança, que podem formar círculo, semicírculo, ou fileiras simétricas. Dessa maneira, *sotaque* é a denominação usada para classificar os diferentes grupos de *Bois* encontrados no Estado do Maranhão. (Silveira, 2014)

No geral, segundo Silveira (2014), os grupos são classificados em cinco sotaques - matraca ou da ilha; da baixada ou de Pindaré; zabumba ou de Guimarães; costa de mão ou de Cururupu; e de orquestra - mas há grupos que não se encaixam nesses sotaques

"[...] por apresentarem, principalmente, elementos de *sotaques* variados ou mesmo associados a outras dinâmicas culturais. Esses grupos de criação mais recentes, mais "modernizados", são comumente denominados *Bois alternativos* ou *grupos parafolclóricos*." (Silveira, 2014)

Para Lady Albernaz (2010)

Localmente o bumba-meu-boi é percebido como tradicional por sua permanência ao longo do tempo e pela manutenção de práticas e conteúdos simbólicos, resultantes de disputas e negociações nesse processo de reprodução. Torna-se assim mais legítimo para afirmar identidade e exprimir as relações sociais.

Por todos esses motivos, o boi é reconhecido como a mais expressiva manifestação cultural popular no Maranhão e é conectado à identidade local por inúmeros pesquisadores e agentes culturais (Carvalho; Figueiredo, 2022)

3 O Espaço das Mulheres no Bumba-meu-boi

Uma característica marcante do bumba-meu-boi é a predominância masculina. Originalmente, somente homens participavam dos bumbás, nas apresentações e



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



**X Simpósio
de Design
Sustentável**
Mundos por vir_



PPGDg UFMA
Programa de
Pós-Graduação
em Design

performances públicas (Ferreira; Guterres; Marinho, 2023). Ainda que o auto conte a história de uma mulher escravizada grávida e seu marido, esta era interpretada por um homem (e em muitos bois ainda permanece assim) em trajes femininos (Ferreira; Guterres; Marinho, 2023).

Às mulheres então, cabia o papel de atuarem nos bastidores, no âmbito do privado, na organização da brincadeira, e a acompanharem seus companheiros, carregando suas indumentárias, ou ainda, na cozinha dos barracões, garantindo a alimentação dos brincantes e da comunidade (Ferreira; Guterres; Marinho, 2023).

Posteriormente, essas mulheres que acompanhavam os brincantes, passaram a ser conhecidas como “mutucas”, termo pejorativo que se refere a um tipo de inseto que gruda no couro dos bovinos, nos campos. Essa denominação, pejorativa, dada às mulheres, deu-se quando estas passaram a acompanhar seus homens, na brincadeira do BMB, aonde quer que estes iam.

Mais tarde, a expressão mutuca foi substituída por “torcedora” [...] (Ferreira; Guterres; Marinho, 2023).

Ferreira, Guterres e Marinho (2023, p. 146) consideram que ambas as expressões colocam a mulher “[...] em uma posição de inferioridade; os homens são os protagonistas, enquanto estas são suas acompanhantes ou torcem por eles.” Os autores destacam ainda que

[...] no contexto do BMB, como demonstração das negociações ocorridas, no decorrer dos tempos, as mulheres passaram então, a compor o cordão da brincadeira, como indígenas/tapuias, vaqueiras, rajados de fita ou qualquer outro personagem. As mulheres, como brincantes, demonstraram ser profundas conhecedoras dos passos de dança e até mesmo dos rituais como o batizado e a matança, elementos que integram as etapas do BMB. Muitas delas foram madrinhas do boi, salvando o animal (de brinquedo) de morrer, no ritual de encerramento da temporada, conhecido como “Morte do boi” (Ferreira; Guterres; Marinho, 2023).

Ferreira, Guterres e Marinho (2023, p. 146) relatam ainda que, em depoimento, algumas mulheres brincantes do BMB “[...] reforçavam esse caráter discriminatório, quando afirmavam que causava estranheza ver mulheres em meio aos homens, em um patamar de igualdade, dentro dos grupos.” Já Carvalho (2003) chama a atenção para o fato de que, nas toadas, o chamamento para os brincantes, é feito através da expressão “rapaziada”, reforçando o caráter de exclusividade dos homens nos grupos.

Além disso, Ferreira, Guterres e Marinho (2023) destacam que um papel continuava exclusivo à figura masculina: o de *amo do boi*, demonstrando que o papel de comandar a brincadeira não caberia às mulheres.

Para Vergè (2020) e Segato (2012), a divisão entre homens e mulheres precede a escravidão, porém o colonialismo e o imperialismo atuam de forma a reforçar essa divisão.

Sabe-se que, sob um regime de escravidão, a qualquer momento se podiam arrancar os filhos de suas mães; que elas não estavam autorizadas a defendê-los; que as mulheres negras estavam à disposição dos filhos de seus proprietários como amas de leite; que meninas e mulheres negras eram exploradas



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



**X Simpósio
de Design
Sustentável**
Mundos por vir_



PPGDg UFMA
Programa de
Pós-Graduação
em Design

sexualmente e que todos esses papéis estavam submetidos aos caprichos do senhor de escravos/as, de sua esposa e seus filhos/as. Os homens eram privados do papel social de pai e de companheiro. Essa destruição de laços familiares, que era estabelecida pela lei, continua a projetar sua sombra sobre as políticas familiares que visam às minorias racializadas e aos povos indígenas.

Vergè (2020) retoma a história de Elaine Brown, militante dos Panteras Negras, para mostrar como essa divisão acontece contemporaneamente.

Ela descreve a espiral de violência criada pelo estresse contínuo, o racismo, a terrível repressão que ocorre no Partido, a capacidade de o FBI semear o clima de divisão. Brown revela todas as contradições, todas as terríveis tensões que pesam sobre as vidas negras, independentemente do gênero e da sexualidade, mas suas observações permanecem repletas de ternura e amor pelas mulheres e pelos homens negros que são impelidos a agir com violência contra elas mesmas e eles mesmos e contra as pessoas que lhes são mais próximas.

É possível observarmos, também, nas dinâmicas dos grupos de bumba-meu-boi, questões relativas à invisibilidade e desvalorização do trabalho de cuidado exercido pelas mulheres e a disputa por espaços de poder e na própria brincadeira. Entretanto, Ferreira, Guterres e Marinho (2023) alertam que as estratégias coloniais/ocidentais e a lógica hierárquica de antagonismo entre público e privado, masculino e feminino, não foram suficientes

[...] para eliminar as negociações que se estabelecem no trânsito entre o público e o privado do festejo, entre os homens e as mulheres, e as respectivas funções que exercem.

Isso porque, ainda que perdurem interdições, em relação ao gênero que ocupa a função de amo, e as limitações em relação ao papel das vaqueiras mulheres, é possível encontrar alguns casos em que mulheres negociam seus espaços e ocupam esses lugares. Assim, entendemos que apesar da imposição patriarcal, por meio da manutenção do mandato de masculinidade, em que os homens são representados como os principais agentes e convocados a ocupar a esfera pública totalmente, a complementaridade de funções é o que caracteriza o tecido comunitário do BMB.

Para Michol Carvalho (2003), as mulheres, agora cientes do seu papel para além do cuidar, passam, não só, a integrar a brincadeira, mas a tomar a frente, redefinindo lugares e papéis anteriormente pré-estabelecidos. É necessário enfatizar que todo esse processo de tensionamentos e busca por reconhecimento e espaço não se dá de forma isolada ao contexto socioeconômico, mas está intrinsecamente ligado a ele. E, nesse contexto, o território, o cenário onde essas dinâmicas acontecem, se torna uma importante chave para entendê-las. No próximo item, apresentaremos um breve contexto sobre a formação do Quilombo Urbano da Liberdade.

4 O Quilombo Urbano da Liberdade

Há 105 anos, iniciava-se a ocupação do que hoje conhecemos como Quilombo Urbano da Liberdade. Segundo Assunção (2017), que se relaciona com o declínio da escravização de africanos e seus descendentes e com fluxos migratórios de comunidades negras rurais da Baixada e do Litoral Ocidental Maranhense para capital como resultado do



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



**X Simpósio
de Design
Sustentável**
Mundos por vir



PPGDg UFMA
Programa de
Pós-Graduação
em Design

processo de industrialização, iniciado pelos antigos proprietários de terras e escravizados, que criaram um complexo fabril têxtil no centro da cidade (Tribuzi, 1981; Almeida, 2008; Viveiros, 1992; Assunção, 2017).

Os alojamentos existentes eram concedidos somente aos trabalhadores especializados. Os operários, sem moradia, viram-se obrigados a construir palhoças ou recorrer a cortiços que, segundo Silva (2016), eram os prédios onde eram alojados os escravizados antes da abolição.

Precisando de mais mão de obra e por conta da escassez de moradias na região a Companhia de Fiação e Tecidos Maranhenses, decide construir casas na Camboa para que, com a moradia assegurada, conseguisse atrair mais trabalhadores para a capital (Silva, 2016)

Em 1918, inaugura-se o matadouro municipal nas margens do rio Anil, a Companhia Matadouro Modelo. Além do matadouro, na região, localizava-se a Companhia de Ferro-Canil, que faz com que o bairro passe a ser chamado de Matadouro (Almeida, 2020; Anchieta e Oliveira de Souza, 2020; Assunção, 2017).

Nas décadas de 1940, 1960 e 1970, são estabelecidas duas usinas de beneficiamento de coco babaçu e investimentos público na Amazônia Legal propiciam a criação de um parque industrial que atrai mais migrantes para a região, o que, ao mesmo tempo que consolida a ocupação do bairro (Silva, 2016; Rio Branco, 2012), aumenta progressivamente a degradação das condições de moradia, por meio da multiplicação de palafitas em áreas de manguezais. (Silva, 2016; Bezerra, 2008)

Por ser uma região ocupada de forma desordenada, com habitações precárias e ocupada majoritariamente por negros, os moradores passaram a ser estigmatizados como violentos e perigosos (Assunção, 2017). Como consequência, políticas autoritárias de habitação e segurança pública são impostas a esse território (Almeida, 2020).

Segundo Carvalho e Figueiredo (2022, p. 32) "[...] desde a década de 1980 ações coletivas organizadas, pontuais ou duradouras surgiram como alternativas de contraponto ao descaso, à segregação, à violência e à usurpação de direitos historicamente sofridas pela população local." Anchieta e Oliveira de Souza (2022), relatam que

"Por meados da segunda metade do século XX, grupos culturais foram fundados e se fortaleceram dando destaque para o bairro. Festas do Divino Espírito Santo, Tambores de Crioula, Boi de Seu Leonardo (Boi da Liberdade), Boi de Seu Apolônio (Boi da Floresta) além de grupos em bairros adjacentes, como o Boi da Fé em Deus, tornaram-se grandes referências acerca da Liberdade."

Assunção (2017) cita o Movimento de Defesa dos Favelados e Palafitados, o Movimento Quilombo Urbano, o Instituto Iziane Castro e o Centro de Integração Sociocultural Aprendiz do Futuro (Cisaf) como outros exemplos de organização na área da Liberdade. Carvalho e Figueiredo (2022, p. 32) afirmam que "Nesse cenário é que foi fomentada a reivindicação do reconhecimento da área como quilombo urbano[...]". Então, segundo Anchieta e Oliveira de Souza (2022, n.p.) "Em 2018, a Câmara Municipal de São



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



**X Simpósio
de Design
Sustentável**
Mundos por vir_



PPGDg UFMA
Programa de
Pós-Graduação
em Design

Luís reconheceu a área correspondente aos bairros Liberdade, Camboa, Fé em Deus e Diamante como o primeiro quilombo urbano do Maranhão."

O estigma de um bairro muito violento ronda a Liberdade até os dias atuais, segundo pesquisa realizada por O IMPARCIAL (2017) o bairro está na terceira colocação em relação às localidades com maiores esquemas de tráfico de drogas e em um diagnóstico no mesmo ano feito pelo Ministério Público do Maranhão, a Liberdade está no quarto lugar nos índices de criminalidade.

O estereótipo de um local perigoso circula há muitos anos entre os moradores de outras localidades em São Luís. Entretanto, em entrevistas com os moradores este estereótipo é contestado, Nadir Cruz fala sobre este lugar-comum sobre o bairro: "Há 20 anos atrás realmente aqui era um local bem difícil de viver por causa da violência, mas hoje tentamos tirar esse estigma horrível que ainda gira em torno da Liberdade" (Nadir Cruz, 2020). Há apenas uma linha de ônibus no bairro, uma escola pública e nenhum hospital ou posto de saúde público, mesmo sendo um local bastante populoso. (Anchieta; Oliveira de Souza, 2022).

Anchieta e Oliveira de Souza (2022), arquitetos urbanistas, destacam também as questões relacionadas à precariedade da urbanização e à falta de acesso a saneamento básico, na região.

Mesmo com tanta carga histórica e cultural, o bairro possui uma urbanização precária marcada por ausências. [...] Problemas de drenagem e saneamento básico são comuns, a degradação ambiental é notória principalmente nas margens do Rio Anil que se localiza ao entorno do bairro. Os problemas encontrados são o reflexo de uma cruel exclusão urbanística e marginalização.

Nesse contexto de extrema vulnerabilidade, fica clara a importância das manifestações culturais, em especial o bumba-meu-boi, como ferramentas para acessar direitos e redefinir o imaginário e a identidade sobre a região. No próximo item, iremos observar a relação "boi", mulheres, trabalho de cuidado e território por meio dos relatos de Nadir Cruz líder/gestora do Boi da Floresta/Boi de Apolônio e Regina Cruz líder/gestora do Boi da Liberdade/Boi de Leonardo.

5 "Já Tenho com Quem Deixar meu Brinquedo": as mulheres que botam o boi na rua

O Boi da Floresta e o Boi da Liberdade são atualmente comandados, respectivamente, por Nadir Cruz, viúva do mestre Apolônio, e Regina Santos, filha do mestre Leonardo, fundadores e antigos amos/proprietários dos bois. Ambas assumiram posição de liderança em decorrência da morte dos antigos proprietários. Nadir, que na infância esteve em situação de rua, foi acolhida, aos doze anos, por mestre Apolônio e sua primeira esposa Suzana. Ainda nessa idade, demonstrou interesse pelo boi e passou a participar das reuniões com os boieiros, ficando responsável por anotar as determinações destes. Ao longo da vida, assumiu diferentes papéis dentro do grupo, como brincante, na organização, nos ensaios, nas apresentações e nos contratos, na costura e no bordado. Além de concluir uma graduação e uma pós-graduação na área de turismo, já adulta, após o falecimento de Suzana, veio a se casar com mestre Apolônio, com quem viveu até o seu falecimento, em 2015.



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



**X Simpósio
de Design
Sustentável**
Mundos por vir_



PPGDg UFMA
Programa de
Pós-Graduação
em Design

Já Regina, apesar de ter sido criada no boi desde a infância e ter conhecimento sobre todas as etapas necessárias para a brincadeira sair na rua, ao terminar o ensino médio técnico, na Escola Técnica Federal do Maranhão, muda-se para o Rio de Janeiro, para estagiar numa empresa e, após o período de estágio, conseguiu um contrato e se mantém na cidade por um período de doze anos quando, então, retorna a São Luís para trabalhar em uma nova empresa. Nessa época, o pai já havia perdido o espaço de liderança no boi, por motivo de saúde, mas estava insatisfeito com o rumo que o novo líder estava dando ao grupo. Quando, então, a pedido do pai, Regina começou a se reaproximar da brincadeira. Nos relatos a seguir, podemos observar os tensionamentos por espaço e poder ocorridos nesse processo.

(...) quando eu disse que ia participar *vixe*, foi como se jogasse uma bomba (...). Quando eu cheguei lá na reunião eu disse: Bom, eu vou entrar na brincadeira e vou fazer a parte que Leonardo não faz mais. (...) Aí começou opinião. Uns diziam "não entra", outros diziam "essa daí vai entrar". Aí, minha irmã! Então foi aquele *zumzumzum* na hora d'eu adentrar nesta instituição. [...] "Ela vai entrar, vai gastar o dinheiro todo que é do *Boi*; e anda de sapato alto; depois desse tempo todinho, ela aparece do nada. E não sei o quê. (...) Eu disse: olha, eu não apareci do nada. Leonardo é meu pai. Nenhum de vocês aqui é filho de Leonardo. Filho de documento, nenhum de vocês é ". Pronto. (Regina Santos em entrevista a Marla Silveira, 12.jun.2012)

Porque aqui no Boi da Liberdade não tem só novinho, tem muitos idosos ainda. Muitos idosos. E o trato [...] é bem diferente para a gente não magoar. Ainda fala assim, tudo que sai um pouquinho fora do padrão, eles falam: "Ah, já está mudando, se fosse Leonardo não tinha isso". (relato Regina Santos, 2020)

Na fala de Regina Santos, ao se observar sua autoridade, capacidade e idoneidade sendo questionadas por homens mais velhos e com mais tempo de brincadeira, percebe-se ressonâncias do que Segato (2012) entende como patriarcado de baixa intensidade, o modo como a colonialidade/modernidade intervém nas relações de gênero em comunidades de cultura popular, apreendendo-as e reorganizando-as a partir de uma norma geradora de diferenças. Boas respostas frente a este cenário são o feminismo de quilombagem ou feminismo comunitário (Vergè, 2020; Paredes, 2010), as iniciativas feministas do sul global e o feminismo decolonial (Vergè, 2020).

Na perspectiva de Vergè (2020) e de Paredes (2010), essas iniciativas têm potencial para alcançar a despatriarcalização e a descolonização por questionarem a naturalização da opressão e a combater a colonialidade do poder de uma perspectiva inclusiva que coloca a vida e a comunidade no centro e que gera a possibilidade de uma futuridade. Nos relatos de Nadir, fica claro como esses feminismos acontecem na prática, a partir de seu olhar e ações voltados não somente para as atividades do boi, mas para o bem-estar social da comunidade.

Hoje, por exemplo, a parte social do boi, ela é muito forte aqui dentro. Hoje, por exemplo, eu sei quantas pessoas eu tenho hospitalizadas. Quantas pessoas estão com, precisando de um apoio médico. Quantas estão precisando de um gás em casa, né. Quantas estão com problemas com a lei. Com atritos com a lei, né. Então assim, o boi, nós estamos aqui conversando, tem mil e uma coisas acontecendo,



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



**X Simpósio
de Design
Sustentável**
Mundos por vir_



PPGDg UFMA
Programa de
Pós-Graduação
em Design

e que a gente tem que gestar isso tudo. Cada um de uma forma [...] Então, junta tudo isso, tem a parte boa, e tem a parte que é de estar formando trincheira, dentro de um bairro, de uma região periférica, como é a Liberdade. Hoje quilombo da Liberdade, quilombo urbano da Liberdade. Uma área onde todas as mazelas sociais estão presentes. Mas aí tem o barracão do boi da floresta com a sua trincheira formada, né. E que muitas vezes, aí vou responder a pergunta da professora, que muitas vezes essa trincheira aqui serve de escudo para aquele jovem que tá na mão do tráfico, né. E que o bordado vai lá e trás ele pra cá. E que às vezes ele tá também pegando bolsas, né. Assaltando, isso e aquilo, fazendo o que não deve. E o barracão. Ainda tem essa parte que é o acolhimento, né. Pega e traz pra dentro do barracão. Ensina uma profissão pra ele. E ele vai trabalhar em casa, sem precisar de tá mexendo com essas coisas dando trabalho pra polícia, né. A nossa relação com a polícia é muito próxima. Então, qualquer coisa que acontece, a tia Nadir é logo contactada. Pra isso nós contamos com amigos na área jurídica, né; na área psicológica, na área médica. Pra poder é. Eu digo amigos, são amigos, mesmo. É um advogado que vem e faz aquele favor de amenizar aquela situação. E aí, a parte boa, é que muitas vezes a gente tem conseguido muitos, transformar, é uma transformação mesmo, dentro do barracão, através desses ensinamentos. É um pandeiro que ele aprende a cobrir, não é. Aprende o bordado. Aprende a confeccionar uma indumentária dessa aí. (Nadir Cruz em conversa com a turma de Projeto Gráfico 1 do curso Design-UFMA em 13/10/2023)

Ou ainda na fala de Regina quando ela conta que no processo de adequação do estatuto do Boi da Liberdade para que este tivesse oportunidade de participar de editais de fomento como entidade cultural, não se preocupou apenas com o próprio grupo, mas com outros grupos tão invisibilizados quanto o dela.

Nós passamos por essa adequação e minha visão não foi só o nosso *Boi*, mas todos os sotaques de zabumba e até outros como o de Apolônio que nós fizemos a reformulação do estatuto igual ao nosso. Eu acho que isso fortalece o nosso *sotaque*, porque passamos a concorrer de igual para igual com os outros grupos. (...) Uma vez não atualizada, não é uma empresa legal. Como podem concorrer? Já que os estado só contrata perante essa aptidão. E é aí a nossa diferença. (...) Dá para acompanhar as atualizações legais e nos adequar. (REGINA em entrevista a Marla Silveira, 24.ago.2013)

Apesar de reconhecermos o feminismo comunitário nas ações de Nadir e Regina, também fica claro que ambas exercem o que Vergè (2020) classifica como um trabalho indispensável para o funcionamento da comunidade, mas que deve permanecer invisível. Nos relatos a seguir isso fica mais evidente:

Eu não queria saber nada de *Bumba meu boi* que era só trabalho, esse negócio todo. Eu queria era me livrar assim desse momento. (...) Mas, assim, num processo de falta, de ausência do principal, a gente começa a querer tomar a vez e assumir aquilo ali, porque a gente não quer que aquela história acabe. [...] Realmente, para você vê que é um desgaste tão grande que a pessoa chega ao limite do estresse. Se ela não dividir essa tarefa, ela acumula tudo. Chega um dia que não aguenta. (...) O que eu tento ver, contando a situação de quando entrei, é estar distribuindo tarefas ao máximo. Eu não posso me concentrar. Eu tenho de ver que tenho uma família, fora a família do *Bumba meu boi*; Eu tenho filha; Eu tenho marido; Tenho casa; Trabalho numa empresa e eu estudo. Então eu



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



**X Simpósio
de Design
Sustentável**
Mundos por vir_



PPGDg UFMA
Programa de
Pós-Graduação
em Design

preciso ter isso em mente para eu poder conduzir na boa. Para isso eu tenho que delegar funções, tarefas, responsabilidades (Regina Santos em entrevista a MARLA SILVEIRA, 28.jun.2012)

A gente conhece a [História] de Humberto um pouco, porque Maria é uma resistência. Isso também eu queria destacar. Que as mulheres à frente dos grupos culturais. Quase 70% dos grupos, quase 70% dos grupos culturais hoje são, é, gestado por mulheres. Por vários motivos, né: uns porque herdaram, outros porque é foram filhas, outros adquiriram; outros receberam; outros foram. Assim como Therezinha Jansen, né. Que recebeu de Laurentino. Então assim, eu recebi de Apolônio. Ele até canta. Tem uma toada aí que ele canta, que ele pode ir embora, né "Eu posso ir embora tranquilo, porque já tem com quem eu deixar, na mão de quem eu deixar meu brinquedo.", né. O amor da vida dele que era o bumba-meu-boi. Foram 86 anos de dedicação. E eu já estou aqui desde 78. Eu cheguei com 12, já tô com quase 60. Todo esse tempo aqui diuturnamente, né. Então, é uma dedicação e que não é reconhecida. [...] Eu tô fazendo esse exercício também, viu professora. A médica, é a psicóloga tá me ajudando também, porque eu preciso. Eu já tava perdendo. Eu já não sabia direito se eu era o boi hahahahaha, se eu era o boi. Até ia comprar uma peça íntima, comprava verde e rosa. ahahahaha. São coisas que a gente vai aprendendo, né. Porque é como a senhora, como a senhora, como você falou, é uma imersão. Então se a gente contar de 78 pra cá, eu sou o próprio Boi da Floresta. (Nadir Cruz em visita dos alunos PG1 Design-UFMA em 13/10/2023)

Nas falas, é perceptível o esgotamento de ambas as líderes e a falta de possibilidade de separar a vida pessoal da profissional, o trabalho não reconhecido de cuidado com o boi, os brincantes e a comunidade. O colonialismo, hoje pelo viés do neoliberalismo, diz Vergè (2020), constrói uma relação dialética entre os corpos eficientes da burguesia e os corpos exaustos das mulheres negras, por meio de uma economia do esgotamento, ancorada na escravatura, que transforma esses corpos em capital. Bilhões de mulheres precisam se ocupar da tarefa de limpar o mundo para que o restante da sociedade possa viver suas vidas, salienta Vergè (2020)

Esse trabalho indispensável ao funcionamento de qualquer sociedade deve permanecer invisível. Não devemos nos dar conta de que o mundo onde circulamos foi limpo por mulheres racializadas e superexploradas. Por um lado, esse trabalho é considerado parte daquilo que as mulheres devem fazer (sem reclamar) há séculos – o trabalho feminino de cuidar e limpar constitui um trabalho gratuito. Por outro lado, o capitalismo produz inevitavelmente trabalhos invisíveis e vidas descartáveis.

Parafraseando a autora que, em seu livro *Feminismo Decolonial*, intitula a introdução de 'Invisíveis, elas abrem a cidade', Nadir e Regina abrem o boi e o Quilombo Urbano da Liberdade. São seus corpos e seu trabalho, e o de tantas outras mulheres negras, que botam o Boi da Floresta, o Boi da Liberdade e tantos outros bois, e tantos outros territórios, na rua.

6 Design, Narrativas e Autonomia

A partir do entendimento de como o design pode promover reflexões sobre autonomia, por meio das narrativas situadas das mulheres líderes de bumba-boi, foi



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



X Simpósio
de Design
Sustentável
Mundos por vir_



PPGDg UFMA
Programa de
Pós-Graduação
em Design

possível perceber que é importante entender que as comunidades de bumba-meu-boi e mulheres líderes ou brincantes de boi já são autônomas. Para Escobar (2016), autonomia é a capacidade das comunidades de conceber o design de si mesmas. Segundo o autor, isso ocorre por meio de um processo de abertura, envolvendo interações com agentes externos (a exemplo dos designers), e de fechamento, visando à preservação dos seus valores. Isso quer dizer que o processo de autonomia acontece por meio das trocas. Então, ainda que as mulheres e os grupos de bumba-meu-boi sejam autônomos, é possível estimular esse aspecto continuamente, sendo a autonomia um processo em constante construção.

É importante entendermos também que, nesse processo, não são os designers que investigam ou promovem reflexões por meio de narrativas ou mesmo criam as narrativas, mas as mulheres e a comunidade que investigam e fazem reflexões sobre sua própria realidade por meio de processos de codesign (Escobar, 2016).

Segundo Perin (2012), as narrativas são importantes porque por meio de sua organização, reconfiguração ou justaposição de narrativas do particular evocam relações sempre em mudança que podem subverter conotações problemáticas carregadas por conceitos eurocentrados e positivistas; os fragmentos e silêncios presentes nas narrativas permitem "compreender as condições de (re)posição dos sujeitos no mundo." (Perin, 2012, p. 308) e direcionar o olhar para fora das narrativas oficiais, da História e do Estado (Perin, 2012). A autora ainda afirma que é importante não tentar preencher os espaços vazios, mas aprender com o que deles emergem. Perin (2012, p. 311) defende ainda que, através das narrativas situadas, os copesquisadores, - em nosso caso mulheres, comunidade e designers - "[...] traçam a emergência de solos particulares de possibilidades, sendo suas conclusões necessariamente perspectivas e tentativas." O resultado de todo esse processo para Escobar (2016, p. 318) "[...] deve ser uma série de cenários e caminhos possíveis para a transformação de práticas ou a criação de novas." Por meio dessas interações, as comunidades têm a oportunidade de reinterpretar suas realidades a partir de uma perspectiva interna.

7 Conclusão

O contexto das dinâmicas do bumba-meu-boi trazem, no que diz respeito à participação das mulheres nos grupos, ainda, pouca representatividade, acarretando desvalorização e/ou invisibilidade de sua participação e tensionamentos na busca por abrir espaço para pertencer aos grupos. Neste artigo, traçou-se como uma possibilidade de entender como se dão as dinâmicas de gênero dentro de grupos de bumba-meu-boi e como o design pode promover reflexões sobre autonomia, por meio das narrativas criadas por essas mulheres em suas lideranças.

Apesar da predominância masculina, pode-se observar que as mulheres têm ocupado cada vez mais espaço na brincadeira. A mulher, historicamente subjugada ao homem à esfera doméstica, ao assumir agora uma posição de liderança em um contexto público, predominantemente masculino, provoca uma rearticulação das dinâmicas de poder. A partir disso, as concepções da comunidade do boi em relação às lideranças femininas são reconfiguradas, permitindo que o gênero, tradicionalmente considerado inferior,



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



**X Simpósio
de Design
Sustentável**
Mundos por vir_



PPGDg UFMA
Programa de
Pós-Graduação
em Design

desempenhe um papel diferenciado, mas não sem tensionamentos e negociações. Percebe-se ainda que essas são formas da colonialidade intervir nas relações de gênero em comunidades de cultura popular, apreendendo-as e reorganizando-as a partir de uma norma geradora de diferenças. Boas respostas frente a este cenário são as iniciativas feministas que surgem de dentro das próprias comunidades e que, ao contrário de iniciativas do feminismo eurocêntrico, têm suas ações pautadas na inclusão, na coletividade e no bem-estar social.

Apesar de reconhecermos o feminismo comunitário nas ações das mulheres líderes de grupos de bumba-meu-boi, também fica claro que ambas exercem um trabalho indispensável para o funcionamento da comunidade, mas que permanece invisível. São os corpos e o trabalho dessas mulheres que botam o Boi da Floresta e o Boi da Liberdade e tantos outros bois, e tantos outros territórios, na rua.

Com isso, não se quer dizer que estes grupos e essas mulheres não sejam autônomos. Eles o são. Afinal, a autonomia acontece a partir dos processos de abertura e fechamento desses grupos com agentes externos. Isso quer dizer que o processo de autonomia acontece por meio das trocas. Então, ainda que as mulheres e os grupos de bumba-meu-boi sejam autônomos, é possível estimular esse aspecto continuamente, sendo a autonomia um processo em constante construção. Nesse processo, não são os designers que investigam ou promovem reflexões por meio de narrativas, mas sim, as mulheres e a comunidade que investigam e fazem reflexões sobre sua própria realidade a partir de processos de codesign. Por meio das narrativas, os copesquisadores podem subverter conotações problemáticas, vislumbrar o que está para além das narrativas oficiais da História e do Estado e reinterpretar suas realidades, considerando uma perspectiva interna.

8 Referências

ALBERNAZ, L. S. F. (2010). **Mulheres e cultura popular: gênero e classe no bumba-meu-boi do Maranhão**. Revista Maguaré, Bogotá, nº 24, p. 69-98, junho, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unal.edu.co/handle/unal/35293>. Acesso em 24 de novembro de 2023.

_____. (2004). **O “urrou” do boi em Atenas: instituições, experiências culturais e identidade no Maranhão**. 2004. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

ALMEIDA, A. W. B. de (2008). **A ideologia da decadência: leitura antropológica a uma história da agricultura do Maranhão**. Rio de Janeiro: Casa 8: Fundação Universidade do Amazonas.

ALMEIDA, R. S (2020). PAC Rio Anil: a periferia e os grandes projetos de infraestrutura e logística. *In: Anais da REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA*, 32, 2020, Rio de Janeiro: UERJ. Disponível em: <https://www.32rba.abant.org.br/arquivo/downloadpublic?q=YToyOntzOjY6InBhcmFtcyl7czoNT0iYToxOntzOjEwOiJJRF9BUlFVSzZPIjtzOjQ6IjMyNjgiO30iO3M6MT0iaCI7czozMjoiYz>



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



**X Simpósio
de Design
Sustentável**
Mundos por vir_



ViZjEwODQ1MTVkm2I3ODRlMjhhOTBhNTliOTBiNDciO30%3D. Acesso em: 23 de novembro de 2023.

ANCHIETA, L.; Oliveira de Souza; A. A. Liberdade pelos passos do Bumba-Meu-Boi: Análise do direito à cidade no 1º Quilombo Urbano de São Luís. In: **Anais do VI Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo**. np. Brasília, 2023

ASSUNÇÃO, Ana (2017). **QUILOMBO URBANO", LIBERDADE, CAMBOA E FÉ EM DEUS: Identidade, festas, mobilização política e visibilidade na cidade de São Luís, Maranhão**. 2017. 162f. Dissertação (Mestrado em Cartografia Social e Política da Amazônia) – Universidade Estadual do Maranhão. São Luís.

BEZERRA, D. da S.(2008). **O ecossistema manguezal em meio urbano no contexto de políticas públicas de uso e ocupação do solo na Bacia do Rio Anil, São Luís, Maranhão**. 2008. 221 f. Dissertação (Mestrado em Saúde e Ambiente) – Programa de Pós-Graduação em Saúde e Ambiente, Universidade Federal do Maranhão, São Luís.

CARVALHO, L. G. de; FIGUEIREDO, W. A. S. (2022). **Da festa ao ativismo no Quilombo da Liberdade: a atuação de mulheres no Bumba Meu Boi durante a pandemia de COVID-19**. Revista Antropolítica, Niterói, v. 54, n. 3, p. 22-37, quadri, set/dez, 2022.

CARVALHO Maria M. P. de (2003). As Mulheres no Bumba-meu-boi: saindo detrás das cortinas. In: NUNES, Izaurina Maria de Azevedo (org.). **Olhar, memória e reflexões sobre a gente do Maranhão**. São Luís: Comissão Maranhense de Folclore.

ESCOBAR, Arturo (2016). **Autonomía y Diseño: la realización de lo comunal**. Sello Editorial.Popayán, Universidad del Cauca.

FERREIRA, C. G. P.; GUTERRES, H. de J.; MARINHO, T. A. (2023). **Transmissão de saberes e poder: lideranças femininas no bumba meu boi do Maranhão**. Revista Mosaico, v. 16, n. 1, p. 141-154. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/13111>. Acesso em: 23 de novembro de 2023.

GIL, A. C (2022). **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas.

INGOLD, T. **Being Alive: Essays on Movement, Knowledge and Description**. Routledge. 2011.

IZÍDIO, L. C. L., Farias, L. G. D. de ., & Noronha , R. G. . (2022). Reapropiación ontológica a través del diseñoantropología: producción de narrativas y subjetividades con artesanas en Paço do Lumiar, Maranhão. **RChD: Creación Y Pensamiento**, 7(12), 5–22.

MARTIN, Nastassja (2021). **Escute as feras**. Tradução de Camila Vargas Boldrini e Daniel Lühmann. Editora 34. São Paulo.

MARTINS, Carolina C. S (2020). **Bumba-meu-boi e festas populares na ilha do Maranhão: entre negociação e conflito (18885-1920)**. 2020. 227f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense. Niterói.



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



**X Simpósio
de Design
Sustentável**
Mundos por vir_



NORONHA, Raquel (2018). The collaborative turn: challenges and limits on the construction of the common plan and on autonomia in design. In: **Strategic Design Research Journal**, Unisinos, (vol. 11, n. 2, p. 125-135, May-August).

NORONHA, Raquel. Ceci n'est pas une collaboration! Notas sobre contracolonialidade e poder nas relações entre designers e artesãs. In: PAOLIELLO, Carla; ALBINO, Cláudia (org.). **Design e artesanato: 22 verbos – 22 autores**. Aveiro: UA Editora – Universidade de Aveiro, 2022. cap. 5, p. 59-70.

PERIN, Vanessa Parreira (2021). Sobre histórias, fragmentos e silêncios em narrativas engajadas. In: **Anuário Antropológico**, v. 46, n. 1, p. 298 - 314.

RIO BRANCO, W. L. C. (2012). **Política e gestão ambiental em áreas protegidas em São Luís - Maranhão**: o parque ecológico da Lagoa da Jansen. 2012. 268 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

SEGATO, R. L. (2012). **Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial**. e-cadernos CES [Online], n. 18, dezembro, 2012. Disponível em: <https://journals.openedition.org/eces/1533#quotation>. Acesso em 11 de dezembro de 2023.

SILVA, J. B. V. da (2016). **Tudo isso era maré: origens, consolidação e erradicação de uma favela de palafitas em São Luís do Maranhão**. 2016. 146 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Núcleo de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

SILVEIRA, M. de R. S. (2014). **Nas entranhas do Bumba-Meu-Boi: políticas e estratégias para botar o Boi de Leonardo na rua**. 2014. 145f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) - Pós-Graduação Interdisciplinar em Cultura e Sociedade, Universidade Federal do Maranhão, São Luís.

TRIBUZI, B. (1981). **Formação Econômica do Maranhão**: uma proposta de desenvolvimento. São Luís: Fipes.

VERGÈ, Françoise (2020). **Um feminismo decolonial**. São Paulo: Ubu Editora.

VIVEIROS, J. de (1992). **História do comércio do Maranhão: 1896-1934**. São Luís: Lithograf, 1992. v. 3 (Reedição facsimilar da Associação Comercial do Maranhão)